

## **Abordagem sociológica da Segunda Guerra Mundial**

André Luiz de Vasconcelos (Mestrando/Bolsista Capes UEL)

### **A nova História Militar**

No Brasil é possível verificar um grande incremento, no que se refere a pesquisas relativas à História Militar. Pesquisadores têm voltado suas atenções para a produção nesse sentido, bem como universidades e centros de pesquisas tem direcionado teses e dissertações nesse campo do saber. Outra área que cresce é o mercado editorial, que vê na História Militar um campo fértil para publicações que visam, não só o público acadêmico, mas também pessoas que se interessam pelo tema. Contudo vê-se uma mudança brusca na forma de interpretação e compreensão dessa história, que não mais pautada em grandes nomes e estratégias militares de combate.

[...]. Entretanto podemos apontar para a renovação da História militar no Brasil expressa através de grupos de pesquisa, publicações especializadas, coleções em importantes editoras das forças armadas e centros de memória de documentação que, em esforços individuais e institucionais, progressivamente ampliam a divulgação de formas científicas de compreensão do passado. O interesse atual pelos estudos relacionados História Militar transcende as próprias instituições militares. (PARENTE, 2006, p. 1).

A partir do instante em que a História, se aproximou da teoria social e da antropologia criando novas abordagens, a historiografia militar não ficou fora de tal influência. Exemplo se faz presente, ao que se refere ao estudo da guerra, podemos focar nos espaços de conflito, em opções geoestratégicas, na logística, nos recursos tecnológicos, nas relações entre líderes e comandados nas culturas políticas, imaginários e identidades e sentimentos dos combatentes, etc. Esse leque de opções temáticas aprimoram a produção textual e o debate decorrente.

Entendemos que a história militar atual visa estudar o fenômeno militar, sob uma nova óptica em que variados aspectos ligados a guerra, são articulados em uma compreensão analítica, contrapondo-se a um modelo

tradicional que visa apenas o estudo técnico das grandes batalhas, contadas a partir do viés memorialista e descritivo, ou seja, pautado apenas nos grandes personagens.

[...]. Segundo os críticos, a historiografia militar tradicional não concebia o militar e as instituições militares dentro do contexto social, cultural, psicológico e o geográfico. Não eram entendidos como receptores e agentes de transformação social. Desconsiderava ainda o diálogo constante com as correntes de um todo social sem qualquer problematização. (RESTIER; LOUREIRO. 2008 p.94).

Dá-nos a compreensão que a história militar assim como a história política, foi marginalizada durante longo tempo, em princípio por ser rotulada de história meramente factualista. Não é justo afirmar que a história militar, foi a única que produziu (ou que deu origem) à história factual. Logo não é também correto afirmar que suas transformações hoje, são singulares em relação aos demais campos da história.

[...] Durante um grande período, especificamente no século XIX, os fenômenos militares eram tratados somente na esfera dos fenômenos políticos. A Guerra era entendida apenas enquanto um instrumento de política. Tal perspectiva tributária das teorias de Karl Von Clausewitz em sua obra da Guerra influenciou diversos estudiosos da teoria da guerra, da história política, da história diplomática e demais campos do conhecimento relacionados aos fenômenos militares. (RESTIER; LOUREIRO. 2008 p. 93)

Pela impossibilidade de separar a guerra dos fenômenos políticos, as críticas voltadas a história política voltou-se também aos estudos dos fenômenos militares. Estes são parte da história política, conseqüentemente a história militar foi tão negligenciada quanto à história política nos movimentos de renovação historiográfica da primeira metade do século XX.<sup>1</sup>

O conhecimento histórico construindo pensado ainda no século XIX, na ebulição das idéias científicas deste mesmo século, passou por uma série de mutações, ainda na primeira metade do século XX, com a Escola dos Annales, assim como no decorrer de suas gerações.<sup>2</sup>

Dentro dessas transformações a quais o campo da história passou, ao longo dessas décadas, a História Militar se ateve a tais reformulações? Não, a partir das renovações metodológicas do conhecimento histórico, como também a história política e social, passaram a ser aplicadas aos fenômenos militares, há em andamento, uma renovação nas investigações neste campo de estudos

tendo como resultado novas produções. Em outras palavras, em especial o historiadores da história militar, dedicam-se em analisar o fenômeno militar, sob novas fontes e interrogações.

A partir dessa concepção, as batalhas se tornam um dos objetos da história militar. A história militar não se esgota na batalha; e a batalha não perde importância, já que não é possível pensar no soldado e não pensar na batalha, na “guerra” em todas suas conotações no tempo e espaço. São objetos da história militar hoje os desdobramentos da guerra nas estruturas sociais, políticas, culturais etc: as diferentes culturas no tempo; a relação do fenômeno militar na organização sócio cultural; as tradições (símbolos, imagens, canções, etc), o estudo das instituições militares, enfim, há um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas. (RESTIER; LOREIRO. 2008 p. 96).

Ao adotar o ponto de vista metodológico da Nova história, se faz necessário apontar a diferente conotação assumida pelos fenômenos históricos de origem militar nas diferentes culturas, que se tornam objeto do historiador. Temos que a guerra como uma estrutura histórica dinâmica no tempo das civilizações, como outras estruturas históricas de investigação definidas pelos historiadores, tais como a economia, a cultura, a religião e o direito, dentre outras. A fim de esclarecimentos a noção de história e o conceito de guerra, varia de cultura para cultura, e não são auto-evidentes aos historiadores. Sabemos que o historiador da nova história militar não deve trabalhar o conceito de guerra, como um conceito absoluto, e sim, como um conceito histórico relativo e instrumental pautado por uma metodologia específica.

Assim, escolher pela problemática da investigação histórica sobre a Guerra, não nos leva necessariamente a uma História Tradicional descritiva e valorizada. A história através de sua metodologia atual possibilita ampliar sua compreensão para além das fronteiras da história batalha e dos fenômenos políticos identificados com a batalha. Como dito, as novas metodologias da ciência histórica recente permitem alcançar as múltiplas interfaces da história militar, tal como a social.

## O conceito de Guerra atribuído nesta reflexão

Delimitamos aqui breve uma compreensão do que seria a Guerra a nosso entender, para tanto, a idéia sobre o tema mencionado de Florestan Fernandes sintetiza, de forma clara, e nos ensina que:

A Guerra é um fenômeno humano. Não se pode dizer quando e como ela surgiu, no passado remoto da humanidade. Nem tampouco se pode presumir que necessidades existenciais (Bio-psíquicas ou sociais) ela correspondeu originariamente. Até aonde alcança a investigação empírico-indutiva, através da reconstituição arqueológica, da reconstrução histórica, e da observação direta, a guerra se nos apresenta como um fato social, no sentido restrito de existir como uma das intuições incorporadas a sociedades constituídas. [...] Semelhante maneira de entender a guerra (e suponho que na sociologia não há outra maneira igualmente legítima) implica uma delimitação precisa na observação e na explicação desse fenômeno social. Os problemas concernentes à origem da guerra deixam de ser concebidos in genere e in abstracto para serem definidos concretamente, com relação a tipos sociais definidos. (FERNANDES, 1970, p.11).

Esta consideração nos remete a um primeiro momento a demarcar esse fenômeno como sendo um fator humano. Como bem sabemos não existe “guerra em geral”<sup>3</sup> tanto quanto não existe “casamento”, “produção”, “funeral” etc, mas sempre esse ou aquele fato social se insere dentro de um contexto histórico. Logo somos destinados a definir quais os possíveis valores que a variável “guerra” pode assumir e de restringir seu campo aqueles conceitos que nos interessam. Tal análise se faz necessária, uma vez que, na atualidade, diferente de outros momentos históricos quando a palavra guerra tinha um sentido claro, hoje ela possui um leque de significações e qualificações, por exemplo: a guerra contra as drogas, a guerra de guerrilha, a guerra contra a fome e por aí adiante.

Nessa reflexão o conceito de guerra que adotamos é aquele denominado de guerra ideológica política (Segunda Guerra Mundial), ou seja, aquela classe de conflito que ocorre entre liberais e nacionais socialistas, que começa a se desenhar logo após a primeira guerra mundial, associada a futura crise que a Alemanha sofre em virtude dos tratados e postulações feitas pelas potências vencedoras da grande guerra, a este país. Esta delimitação do nosso

objeto de reflexão coloca uma série de questionamentos, e contextualizações por qual o Estado-Nação passou além das relações interestatais que ainda passam nesse início de século XXI. Por isso entendemos que tais abordagens, não serão feitas nesse escrito, analisaremos a guerra a partir de uma relação de diálogo entre diferentes pensadores nesse tópico.

## **A ilusão da Guerra**

Guerras dos mais variados tipos ao passar dos tempos proporcionaram diferentes teorias, do por que os homens lutam e se matam. As guerras napoleônicas, que abarcaram consigo o espírito racionalista da Revolução Francesa, proporcionaram ao oficial prussiano Carl Von Clausewitz assegurar que a guerra é uma empreitada completamente racional, ilibada pelo sentimento humano. Na percepção deste autor a guerra não passa de uma continuação da política só que por outros meios. Sendo os Estados-Nação os grandes agentes no palco da História e a guerra a ferramenta mais ágil capaz de resolver seus interesses em contra posição a outros Estados-Nação. Aceitar a existência dessa nova super-pessoa, no caso a nação, é uma batalha mais perturbadora ou irracional do que digamos uma negociação comercial complicada- exceto talvez para os que morreram no campo de batalha.<sup>4</sup>

Com o início da Primeira Guerra Mundial<sup>5</sup>houve grande reviravolta nas reflexões, acerca dos princípios da guerra. Uma geração de pensadores europeus assistiu horrorizada a um tipo de confronto entre nações, que jamais haviam visto antes, em consequência principalmente pelo índice de mortos proporcionado. Sendo difícil para esses pensadores como é o caso de Sigmund Freud,<sup>6</sup> pensar a primeira guerra sobre um prisma racional.

A maior parte desses pensadores enfatiza que a grande guerra inicia a partir do conflito entre “estados imperialistas” que concorriam entre si, está interpretação clausewitziana não tem muita ligação com a série de desastres, erros graves e falta de comunicação que levou nações européias á guerra no verão de 1914.<sup>7</sup> Por outro lado, há uma forte vinculação da guerra<sup>8</sup>ao “instinto agressivo do homem” inerente a todos os seres humanos. Em um primeiro instante, as idéias aqui presentes tentam mostrar, que existindo ou não um

instinto agressivo, há motivos para rejeitá-los como sendo a principal causa da guerra.

É verdade que até chegar ao ponto de ódio mortal, os impulsos assassinos podem ser maior motivação numa batalha, mas esta afirmação precisa ser avaliada considerando-se os diversos tipos de armamentos e formas de luta. No combate corpo a corpo, o ódio e a agressividade podem ser realmente uma exigência imprescindível no mínimo, para mobilizar os músculos para a ação. [...] Segundo um famoso historiador americano Robert L. O'Connell, a mudança na personalidade do guerreiro ideal formou-se com o aparecimento de canhões no século XV e XVI: o guerreiro ideal passou da "agressividade feroz" para o desprezo passivo. Portanto, não existe um modelo de personalidade "temperamento irascível" "macho" ou outra coisa do gênero associado ou total e concretamente com a guerra. (EHRENREICH, 2000, p.17).

A luta em si é apenas um dos fatores da empreitada da denominada guerra. As guerras não são como grandes rixas de bar, ou briga interna, que por algum motivo atingiu outros países. Na guerra, o confronto homem a homem se desenrola nas batalhas, além de provocar, claro, uma enorme ansiedade enquanto se aguarda que comece. Enganam-se quem pensa que a guerra tem um início nas batalhas, e nem costuma ser decididas por elas.

Pelo contrário, grande parte das guerras consiste na preparação para a batalha-treinamento, organização de suprimentos avança por infantaria ou deslocamento por outras formas de combate, e o principal a inteligência na guerra.<sup>9</sup> Providências difíceis de tomar por meio de alguma capacidade inata.

Fato é que não há nenhum instinto imaginável que leve um homem a sair de sua casa, raspar a cabeça e ficar treinando durante horas ao longo de dias, semanas e meses durante um estado de prontidão. Em outras palavras, a guerra é uma atividade coletiva e muito complexa para ser creditada a um instinto guerreiro latente no psiquismo individual. O instinto pode aflorar ou não no homem no momento em que há, por exemplo, um ataque a baioneta no primeiro inimigo que encontrar numa batalha. Afirmamos que o instinto não mobiliza as frentes de suprimento, não fabrica fuzil, distribui uniforme nem desloca um exército de homens.

Na verdade, ao longo da História, muitos homens quase se suicidaram para não participarem de guerras fatos que os defensores do instinto guerreiro tendem a menosprezar. Homens fugiram de seus países, passaram longos períodos na prisão mutilaram membros de seus corpos deram tiros nos pés ou nos dedos fingiram estar doentes

ou loucos ou, quando tinham condições financeiras, pagaram para outros lutarem no lugar deles. [...] (EHRENREICH, 2000, p.18)

Aqueles que defendem um instinto guerreiro devem admitir que mesmo quando os homens se alistam de forma voluntária ou não, para a guerra não é algo que regem com naturalidade. No campo de batalha, muitos combatentes por incrível que pareça, não conseguem mirar suas armas diretamente para um inimigo. Qualquer sargento instrutor pode confirmação tal afirmação, há um espaço que separa o homem de um rapaz comum de um atirador de confiança. É necessário que haja uma mutação: o homem ou rapaz abandona seu antigo comportamento e torna-se completamente diferente, chegando até a assumir um novo nome. O livro *“Nada de novo no Front”* de *Erich M. Remarque* nos traça bem uma dimensão do que é a guerra para um jovem, além de mostrar essa transição que há entre a imaturidade e a maturidade, que é submetido os jovens ao se deparem com a guerra:

“Albert exprime bem o que pensamos:

- A Guerra arruína-nos para tudo.

Ele tem razão. Não somos mais juventude. Não queremos mais conquistar o mundo. Somos fugitivos. Fugimos de nós mesmos, e de nossas vidas. Tínhamos dezoito anos e estávamos começando a amar a vida e o mundo e fomos obrigados a atirar neles e destruí-los. A primeira bomba, a primeira granada, explodiu em nossos corações. Estamos isolados dos que trabalham da atividade, da ambição do progresso. Não acreditamos mais nessas coisas; só acreditamos na guerra. [...].

Desde que estamos aqui, nossa vida antiga nos foi cortada, sem que tenhamos contribuído para isto. Muitas vezes, procuramos um motivo, uma explicação, mas não conseguimos achá-los. Justamente para nós, que temos vinte anos, as coisas são particularmente confusas, para chama “juventude de ferro”. Os soldados mais velhos possuem laços firmes com o passado; têm mulheres, filhos, profissões e interesses já bastante fortes para que nem a guerra possa destruí-los. Nós os de vinte anos, no entanto, temos somente nossos pais; alguns, uma garota. Não é muito por que na influencia dos pais é mais fraca, e as mulheres ainda não nos dominam. Além disso, que mais havia para nós? Algumas paixões, um pouco de fantasia e a escola; nossas vidas não iam mais longe. E, disto tudo, nada sobrou. (REMARQUE, 1981, p.25).

Assim neste mesmo século a guerra e o alinhamento para a guerra, se relacionam com o sentimento nacionalista, que a ser a grande força unificadora de Estados, oferecendo aos homens um sentimento transcendental. Na nossa atualidade até em tempos de paz o aspecto religioso<sup>10</sup> da guerra se manifesta em toda parte do mundo. Haja em vista os grandes chefes de Estado, não vai a lugar algum sem uma escolta de tambores ruflando e soldados em guarda. A

posse de presidentes, a coroação de reis, a comemoração de feriados nacionais, todos esses eventos mencionados requerem a presença do soldado como um complemento do cerimonial. Mesmo onde não há soldados, há aqueles que são mantidos a fim de manter um protocolo, um exemplo? O Vaticano como bem sabemos não precisa de exércitos ou órgãos militares, mas em matéria de pompa tem sua guarda suíça.

## Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, Ed: USP, 2000.
- DAVIES, Norman. **Europa na Guerra 1939-1945**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- EHRENREICH, Barbara. **Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra**. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade Tupinambá**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1970.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos. O Breve Século XX 1941-1991**. Trad. Marcos Santarrita, São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. Trad. José Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2007
- LENZ, E. Sylvia. *Mulheres Alemãs na Guerra e após 1945*. In: **A Segunda Guerra Mundial e Pós 1945**. Orgs. VASCONCELOS, A. L; LENZ, E. S. Ed. Clube de Autores. 2012,
- KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- REMARQUE Eric. M. **Nada de Novo no Front**. Trad. Helen Rumjanek. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- ROUSSEAU, J. J. **Do Contrato Social**, Ed. Nova Cultural, 1987, São Paulo.

SIGMUND, Freud. **Escritos Sobre a Guerra e a Morte**. Trad. Artur Morão. 2009.

TODOROV, Tzvetan. **“O Medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

TOLSTOI, Leon. **Guerra e Paz**. São Paulo. Ed: Companhia da Letras, 2009.

---

## Notas:

<sup>1</sup>FULLER, John Frederick Charles. **A conduta da Guerra: estudo da repercussão da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, da Revolução Russa, na guerra em sua conduta**. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército. 2002, p65.

<sup>2</sup>Ver: BURKE. Peter. **A escola dos Analles- 1929-1989. A revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP; 1991.

<sup>3</sup>WALZER, Michael. **Guerras justas e injustas: uma argumentação moral com exemplos históricos**. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo; Ed: Martins Fontes, 2003, p. 3. Desde que homens e mulheres começaram a falar sobre a guerra, sempre foi em termos do certo e do errado. E quase todo esse tempo houve quem ridicularizasse esse tipo de conversa, considerando o assunto um exercício de vazio, insistindo que a guerra está além (ou aquém) da apreciação moral. A guerra situa-se numa outra realidade, na qual a própria vida está em jogo, à natureza humana é reduzida a suas formas elementares e prevalecem o interesse pessoal e a necessidade. Nessas circunstâncias, homens e mulheres fazem o que precisam fazer para salvar a si mesmos e a suas comunidades; e não há lugar nem para a moral nem para a lei. [...].

<sup>4</sup>EHRENREICH, Barbara. **Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra**. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000; p.18.

<sup>5</sup>A Primeira Guerra Mundial (1914-18) trouxe consigo terríveis inovações. O conflito estendeu-se a vários continentes. Foram utilizadas algumas armas de destruição indiscriminada como, por exemplo, o gás mostarda e outras técnicas que aperfeiçoavam a arte de matar, como o uso da aviação. A carnificina atingiu proporções jamais vistas em razão da guerra de trincheiras. Enfim, no bojo da guerra se afirmaram novas ideologias, tais como o fascismo e o comunismo, que se opunham à liberdade do homem e aos seus direitos fundamentais.

<sup>6</sup>SIGMUND, Freud. **Escritos Sobre a Guerra e a Morte**. Trad. Artur Morão. 2009. Nestas considerações Freud demonstra todo seu espanto frente ao horror da guerra, afirmando que a época a qual está inserido (No caso a Primeira Guerra Mundial), é incomparável com qualquer outra. Como afirma: “O indivíduo que não se tornou combatente, transformando-se assim numa partícula da gigantesca máquina bélica, sente-se embaraçado na sua orientação, obstruído na sua capacidade de realização. Ser-lhe-á pois grata, a meu ver, toda a sugestão, embora pequena, que lhe facilite a orientação, pelo menos no seu íntimo próprio. Entre os factores responsáveis da miséria anímica dos que ficaram em casa, e cuja superação lhes levanta problemas tão árduos, gostaria de realçar dois, que neste lugar vou abordar” [...].p.5

<sup>7</sup>EHRENREICH, Barbara. **Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra**. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000; p.18. [...] Assim, num resumo impreciso, são essas teorias que as guerras modernas nos deixaram: embora arriscadas, elas são uma forma através da qual os homens procuram resolver seus interesses coletivos e melhorar suas vidas. Ou então: a guerra se baseia em impulsos irracionais não muito diferentes daqueles que levam algumas pessoas a cometerem crimes violentos. Em nossa época, a maioria das pessoas acredita nas duas teorias e acha que a guerra é empreitada vantajosa que tem por finalidade atender as necessidades psicológicas profundas e irracionais. Não a duvida sobre a primeira parte dessa afirmação de que as guerras têm por finalidade, pelo menos aparentemente,

garantir itens indispensáveis como terra combustível ou vantagem geopolítica. O mistério está no fascínio psicológico que a guerra exerce sobre nos. [...]

<sup>8</sup>Rousseau em o Contrato Social no capítulo IV com o título Da Escravidão, traz a sua visão sobre a guerra, embasada na oposição à filosofia do filósofo inglês Thomas Hobbes. Para este o homem no estado de natureza (situação sem organização social e política) é "lobo para outro homem", só é necessário o Estado, o "Leviatã" que garantirá a segurança e a paz ao preço da diminuição da liberdade dos indivíduos. A crítica de Rousseau se faz em afirmar que a guerra não é inerente a natureza humana. Os homens não são naturalmente inimigos no estado de natureza. A Guerra pelo contrário é sim uma criação humana. Nas palavras do próprio autor: "[...] os homens em absoluto não são naturalmente inimigos. É a relação entre as coisas e não a relação entre os homens que gera a guerra, e, não podendo o estado de guerra, originar-se de simples relações pessoais, mas unicamente das relações reais, não pode existir a guerra particular ou de homem para homem, nem no estado de natureza, no qual não há propriedade constante, nem no estado social, em que tudo se encontra sob a autoridade das leis."

<sup>9</sup>Rousseau em o *Contrato Social* no capítulo IV com o título Da Escravidão traz a sua visão sobre a guerra, embasada na oposição à filosofia do filósofo inglês Thomas Hobbes. Para este o homem no estado de natureza (situação sem organização social e política) é "lobo para outro homem", só é necessário o Estado, o "Leviatã" que garantirá a segurança e a paz ao preço da diminuição da liberdade dos indivíduos.

A crítica de Rousseau se faz em afirmar que a guerra não é inerente a natureza humana. Os homens não são naturalmente inimigos no estado de natureza. A Guerra pelo contrário é sim uma criação humana. Nas palavras do próprio autor: "[...] os homens em absoluto não são naturalmente inimigos. É a relação entre as coisas e não a relação entre os homens que gera a guerra, e, não podendo o estado de guerra, originar-se de simples relações pessoais, mas unicamente das relações reais, não pode existir a guerra particular ou de homem para homem, nem no estado de natureza, no qual não há propriedade constante, nem no estado social, em que tudo se encontra sob a autoridade das leis."

"A guerra não representa, pois, de modo algum, uma relação de homem para homem, mas *uma relação de Estado para Estado*, na qual os particulares só acidentalmente se tornam inimigos, não o sendo nem como homens, nem como cidadãos, mas como soldados, e não como membros da pátria, mas como seus defensores. Enfim, cada Estado só pode ter como inimigos outros Estados e não homens, pois que não se pode estabelecer qualquer relação verdadeira entre coisas de natureza diversa." (ROUSSEAU, 1987, p.27).

Com a criação dos Estados e mesmo com a soberania absoluta não serão reduzidas as tensões, tanto a nível externo como interno. A nível interno será reforçado o domínio do mais forte sobre o mais fraco. A nível externo o Estado forte desejará se expandir através de conquistas. O fraco será a vítima das ambições dos Estados fortes.

<sup>10</sup>Para um maior entendimento sobre esta questão relacionado à Guerra e a religião e suas semelhanças ler: EHRENREICH, Barbara. **Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra**. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000; p.21-29.